



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação
Curso de Pedagogia

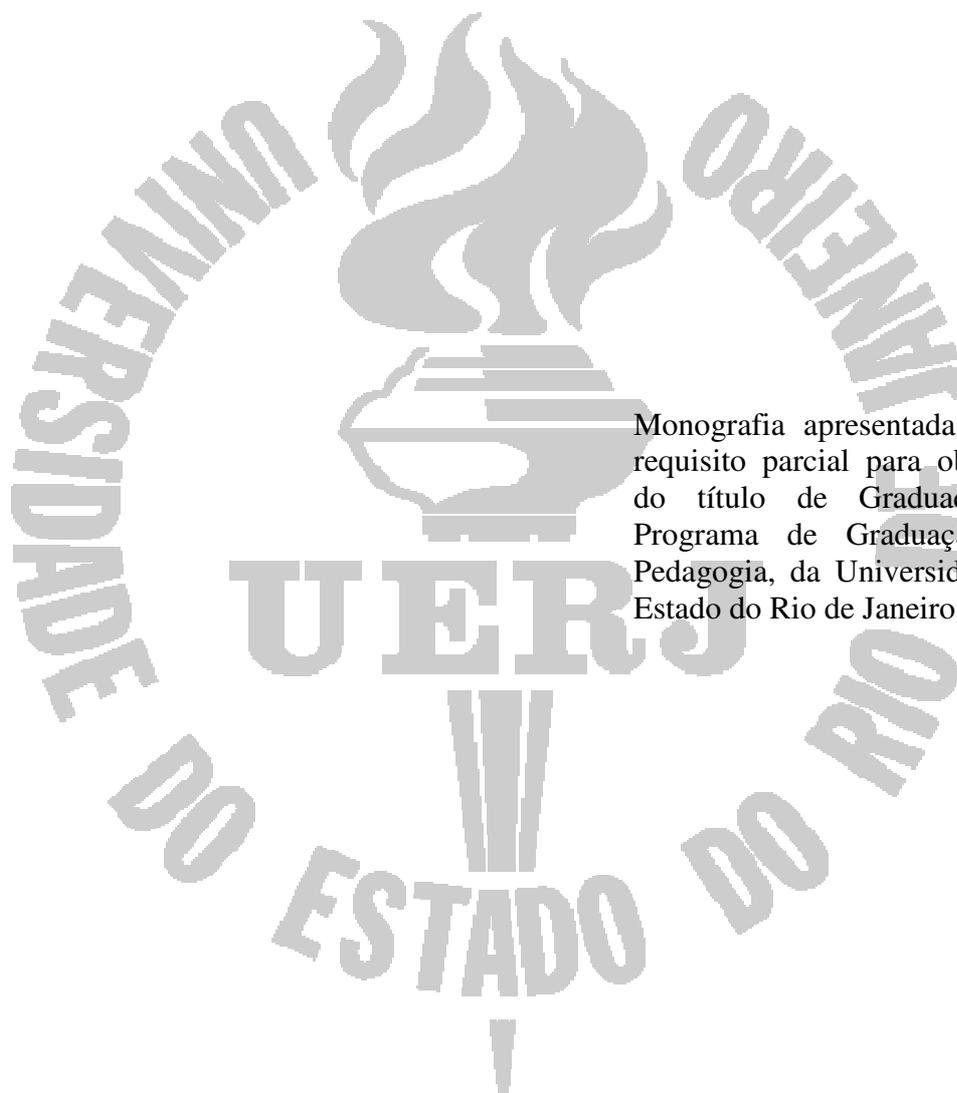
Luciana da Silva Veloso

A Contação de histórias e a Infância: contribuições para um projeto pedagógico na Educação Infantil

São Gonçalo,
2008

Luciana da Silva Veloso

A Contação de histórias e a Infância: contribuições para um projeto pedagógico Educação Infantil



Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada, ao Programa de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo,
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

V443 Veloso, Luciana da Silva
 A contação de histórias e a infância: contribuições para um projeto pedagógico na educação infantil / Luciana da Silva Veloso. – 2008.
 60 f.

 Orientadora : Maria Tereza Goudard Tavares.
 Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

 1. Infância – São Gonçalo (RJ). 2. Cotidiano escolar – São Gonçalo (RJ).
 3. Contação de histórias. I. Tavares, Maria Tereza Goudard. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 372.4(815.3)

Luciana da Silva Veloso

A Contação de histórias e a Infância: contribuições para um projeto pedagógico na Educação Infantil

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada, ao Programa de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em _____

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares (Orientadora)
Departamento de Educação da UERJ/FFP

Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Departamento de Educação da UERJ/FFP

São Gonçalo,
2008

DEDICATÓRIA

À minha família, pelo apoio, carinho e amor que foram à base para esta conquista nesta minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo que tens feito a mim, fortalecendo-me e motivando-me nesta caminhada.

À Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares – minha orientadora pela as palavras de incentivo: Força e Coragem! Acreditando na minha capacidade.

À Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé – pela confiança e contribuição investigativa da pesquisa.

Aos professores da Faculdade de Formação de Professores da UERJ – pela confiança, apoio e reflexões críticas que contribuíram para minha vida profissional.

Às minhas companheiras e amigas da faculdade que desde o início do período estamos juntas, seja nas tristezas e nas alegrias, da nossa amizade.

Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.

Freire, 1996.

RESUMO

O presente trabalho monográfico teve como objetivo apresentar algumas questões acerca da literatura infantil e da contação de histórias, visando compreender às suas contribuições no projeto pedagógico de uma Unidade Municipal de Educação Infantil em São gonçalo, investigando, principalmente, como a contação de histórias pode ser um rico dispositivo na educação e na construção da cidadania das crianças .

A escolha do tema deu-se a partir de minha inserção no projeto de pesquisa *Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial e formação de professores de educação infantil em São Gonçalo*, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa Científica – UERJ (PIBIC/UERJ), no qual fiz parte durante dois anos e meio.

A partir desse projeto de pesquisa foi possível a minha entrada numa instituição escolar na rede pública gonçalense, desenvolvendo uma experiência de pesquisa e contação de histórias com às crianças, problematizando algumas de nossas intervenções no cotidiano escolar desta unidade de Educação infantil.

Desse modo, busquei como principal referência teórica, o autor Walter Benjamin, ancorando-me, especialmente, nas suas contribuições sobre a “narração” buscando compreender teórico e empiricamente à questão da contação de histórias, levando em consideração à relação entre a origem dos contos e sua historicidade.

Reafirmo a importância político-pedagógica da pesquisa desenvolvida, acreditando que a “arte de contar” busca tornar acessível, sob a forma de linguagem poética, os “mistérios do mundo”, promovendo o aprendizado infantil e criando condições pedagógicas que possam gerar apropriações de conhecimentos, a partir da criação de sentidos pelas crianças e professores envolvidos no processo de contação.

Palavras-chave: contação de histórias; infância e cotidiano escolar.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	08
1	OS CONTOS DE FADA: UMA BREVE INTRODUÇÃO	11
1.1	Origens dos contos	12
1.2	Os contos de fada quanto à sua historicidade	14
1.3	A narração de histórias	20
1.4	A contadora de histórias: um longo processo de formação	21
2	NARRATIVAS DE UMA CONTADORA APRENDIZ NA UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ARCA DE NOÉ	27
2.1	O trabalho de pesquisa como campo de reflexão	27
2.2	“Quem conta um conto, aumenta um ponto”: discutindo práticas, produzindo teoria – o trabalho pedagógico na Arca de Noé.	29
2.3	Experiências compartilhadas durante a pesquisa	36
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
	ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo discutir a respeito da literatura infantil e a contação de histórias que se insere no campo da literatura infantil, enfatizando a importância de contar histórias para crianças que estudam na educação infantil.

A escolha do tema foi fruto de minha inserção no projeto de pesquisa *Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial e formação de professores de educação infantil em São Gonçalo* do Programa Institucional de Bolsa Científica – UERJ (PIBIC/UERJ), do qual faço parte como bolsista há dois anos e meio. A partir desse projeto de pesquisa foi possível a minha entrada numa instituição escolar da rede pública gonçalense, na qual desenvolvi uma experiência de pesquisa e da contação de histórias para/com as crianças e algumas reflexões sobre o cotidiano escolar de educação infantil.

Outra razão foi por também, gostar de ouvir histórias infanto-juvenis e ter presenciado inúmeras histórias relatadas por meus familiares, principalmente por minha tia e por meu pai, em reuniões familiares. Muitas dessas histórias serviam de entendimento para respostas incompletas dos fatos da vida e que muito ensinaram-me a compreender e a entender o mundo que me cercava no sentido amplo e profundo. Essas histórias eram de curas, como curas medicinais passadas por gerações, de manifestações espirituais na natureza e de experiências de vidas, que foram vividos e presenciados por eles.

Desse modo, pude perceber a satisfação em ouvir essas histórias fazendo com que a minha imaginação recriasse todos aqueles fatos relatados, impulsionando-me a recriação para um campo de compreensão e entendimento.

Assim, desde então, acredito que contar histórias para as crianças direciona para diferentes respostas como de comportamento de uma sociedade, às questões de fraternidades, solidariedade, amizade para a sobrevivência de qualquer comunidade visando a uma forma melhor de ver seu(s) mundo(s) proporcionando o imaginário das crianças para a contextualização desses ensinamentos (MATOS, 2005).

A experiência de pesquisa foi relevante no meu processo formativo, pois pude problematizar e compreender aspectos positivos e importantes do tema proposto que é a contação de histórias.

Percebi inúmeras vezes, no meu contato com as crianças na escola, que ao contar um conto, isto é, ao término de cada história, as crianças sempre pedem que a contemos de novo, confirmando a hipótese de Walter Benjamin (1985) sobre o desejo das crianças de ouvirem muitas vezes a mesma história.

Nesse sentido, penso que, quando há prazer, no inconsciente dessas crianças, cria-se a necessidade de reviver o momento da contação, tendo uma perspectiva de uma nova ressignificação de sentidos, e, no fim elas solicitam o recontar.

Além de contar histórias, realizamos entrevistas com as crianças, pedindo-lhes que respondessem algumas questões, sobre o desejo de ouvir e contar histórias, buscando compreender com mais profundidade a relação das crianças com a literatura infantil. O contato sistemático com as crianças nos proporcionou

entre tantas questões, valorizar a contação de histórias como uma possibilidade muito fértil da aprendizagem infantil.

No momento em que o/a professor/a conta uma história, quer que seja oral ou escrita, surge uma oportunidade para comentar e trocar experiências. Muitas vezes, no contar de um conto, a história ganha um movimento dialético passado/presente/futuro, como nos ensina Pessanha (2002), abrindo caminhos para a construção de conhecimentos.

Desse modo, ampliou-se o meu interesse na contação de histórias na educação infantil, e também, me levou não só questionar ou problematizar os efeitos que os textos literários infantis venham proporcionar, mas encontrar subsídios que levem ao fortalecimento da importância da contação de histórias para a introdução e discussão de valores sócio-históricos no processo alfabetizador, e, afirmar o ato de contar histórias como uma das formas de resgate da imaginação das crianças, que poderá proporcionar, não só o efeito da curiosidade, mas à produção do conhecimento da leitura e da escrita dentro do cotidiano escolar.

Com efeito, a pesquisa de campo me proporcionou constatar que o contato com diferentes materiais de leitura e escrita, principalmente na educação infantil, é uma das formas de dar voz às crianças contribuindo para torná-las sujeitos críticos e conhecedores de seus direitos, fortalecendo um projeto de cidadania da infância na escola.

Pretendi, pois nesta monografia, compreender a importância de contar histórias na educação infantil, com vistas à produção de conhecimento e a produção de respostas das crianças para as diferentes questões presentes em seu(s) mundo(s).

Para isso, busquei no primeiro capítulo, aprofundar o conhecimento sobre a origem dos contos infantis. Os contos trazem implícitos os valores morais e éticos. Buscam contribuir para os levantamentos de questões inerentes à condição humana, como a criação e formação moral da criança. Discuto neste capítulo que a transmissão oral, mesmo no mundo grafocêntrico atual, tem ainda um poder de suscitar a faculdade imaginativa, desde a criança até o adulto levando-o à produção epistemológica.

No segundo capítulo procurei analisar e refletir sobre os impactos da contação de histórias na criança de educação infantil, sobretudo nos aspectos do desenvolvimento da criatividade e incentivo à leitura e escrita, tendo nas histórias

um forte dispositivo alfabetizador. Também apresentarei o trabalho desenvolvido na escola Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé.

Nas considerações finais, procurei demonstrar como a pesquisa foi de cunho qualitativo e significativo para a minha formação na graduação possibilitando um *olhar investigativo* e uma *escuta sensível* para diversas situações e questionamentos inerentes ao cotidiano escolar desse movimento dinâmico que é a escola.

I - OS CONTOS DE FADAS: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Era uma vez...

Os contos de fadas, originalmente, não foram escritos para crianças, e, sim para os adultos. Suas narrativas eram para o público adulto em “*reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes nos quais os adultos se reuniam – e não nas creches*” (CASHDAN, 2000, p.20). Dessa forma, os textos discutiam doses fortes de adultérios, incesto, canibalismo e mortes hediondas.

Segundo, Cashdan, muitos contos de fada nunca foram feitos para crianças, pois incluíam exibicionismo, estupro e voyerismo. Tendo como exemplo, uma das versões de Chapeuzinho Vermelho e a Bela Adormecida ambas de Charles Perrault, a chapeuzinho, a heroína da história, fazia “*strip-tease*” para o lobo antes de pular na cama com ele. E a bela adormecida, o príncipe abusa da princesa deixando-a grávida.

Até o século XVIII, os contos de fada eram dramatizados em salões exclusivos parisienses, nos quais eram considerados “*divertissements*” para a elite mais culta. Os livros dos irmãos Grimm se aproximavam em 200 contos no qual uma dúzia foi incluída nos livros infantis. Uma das coleções de Charles Perrault “Contos de mamãe Ganso”, teve algumas das suas histórias excluídas devido ao tema incestuoso mostrando o desejo sexual do pai com sua própria filha, exemplificando as histórias “Pele de Asno” e “A Ursa” (CASHDAN, 2000).

Durante séculos, os contos de fadas passaram pelo processo de refinamento, ou seja, começaram a ser contados e escritos para o público infantil. Historicamente, os contos de fada conhecidos como clássicos infantis foram elaborados na França do século XVII, na corte do rei Luis XIV, pela mão de Charles Perrault e pelos irmãos Grimm na Alemanha, do século XIX.

Assim, os contos infantis são produtos literários produzidos pelas classes burguesas no fim do século XVII na qual a aristocracia francesa e a alta burguesia os transformaram em modismo, ao mesmo tempo em que a indústria tipográfica possibilitava esta propagação (COELHO, 1987).

Nesta breve trajetória histórica me foi sendo possível inventariar e compreender como as narrativas, principalmente, os contos de fadas elaborados no meio popular, foram adquirindo formas e relevâncias sociais visando à instrução e a socialização da criança em seu meio social.

1.1 - Origens dos contos

Segundo Coelho (1987), dentro do corpo narrativo há duas existências de nomenclatura para a identificação dos contos: o conto de fadas e conto maravilhoso. Ambas são formas narrativas distintas, mas pertencentes ao mundo mágico, maravilha da Literatura que acabaram sendo identificadas entre si como formas semelhantes. Essa visão encontramos em Paz (1995) no qual o conto de fadas se origina do conto maravilhoso nascente do folclore como uma disciplina científica.

Desse modo, essas narrativas referem-se à luta do eu existencial, na realização interior e exterior no nível social. Apesar de serem distintas em sua forma narrativa não necessariamente uma anula a outra, mas se complementam, pois

dependerá do temperamento ou personalidade do ouvinte no qual julgará na sua escolha para a orientação de sua luta pela vida, ou seja, a pessoa se identificará com uma dessas narrativas, especialmente, com aquela que tem maior importância para sua compreensão e entendimento da vida.

Cada país tem a sua identificação com os chamados contos de fadas, sendo que os mesmos são conhecidos em maioria dos países da Europa. Para Portugal e Brasil esses contos são conhecidos como *contos da carochinha*, nomenclatura elaborada no final do século XIX.

Visando à diferenciação dos contos, o conto de fadas pode conter ou não a presença de fadas dentro da “*magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetivos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc)*” (COELHO, p. 13), tendo como tema gerador a *problemática existencial*, ou seja, para a realização existência do herói ou heroína para o qual consumirá ao casamento. Também, encontramos a presença de obstáculos ou provas que são vivenciados dentro o enredo narrativo em busca de serem vencidas, dando o desfecho da concretização deste auto-realização existencial do herói.

Já para o conto maravilhoso, a presença de fadas é inexistente, sua narrativa desenvolve no campo do cotidiano mágico, ou seja, animais e plantas falantes, objetos mágicos, duendes etc. Dessa forma, seu eixo gerador é a *problemática social*, para o qual o desejo de auto-realização do herói ou heroína é baseado no campo socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas etc. Tem geralmente, como ponto de partida, a miséria ou a *necessidade de sobrevivência física* como busca de aventuras.

Por outro lado, os contos de fadas que possuem origem céltica, ou seja, nascidos do povo celta; povos que atuaram no processo de formação e transformação cultural no ocidente, de uma maneira quase “silenciosa”, com valores espirituais ou religiosos com inteligência prática e criadora, tematizam a questão das fadas.

E neste contexto dos povos Célticos que são criadas as *fadas*, como criação poética céltico-bretã para os quais apareceram as primeiras mulheres sobrenaturais dando origem a semântica da palavra fada, que emerge em poemas reveladores de amores estranhos, fatais, eternos etc.

Dos contos maravilhosos originam-se, também, as narrativas orientais com ênfase na parte *material/sensorial/ética do ser humano* (COELHO, 1987). Tendo como exemplo, a coletânea mais conhecida de *As mil e uma noites* que expressam diversão e encantamento nas suas narrativas que divulgam um Oriente fabuloso e exótico na qual a Literatura preserva.

Segundo Coelho (1987), na sua etimologia, o vocábulo fada, origina-se do latim *fatum* significando destino, oráculo. Na sua maioria, nas nações européias, a palavra fada advém da mesma área semântica latina: fada em português, *fée* em francês, *fairy* em inglês, *fata* em italiano, *feen* em alemão, *hada* em espanhol.

As fadas fazem parte do folclore europeu que emigraram para as Américas tornando-se conhecidas como seres fantásticos, belas, sob aspecto da figura feminina, dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais.

Na maioria das tradições celtas as fadas são relacionadas ao amor, sejam elas próprias amadas ou até mediadores entre os amantes, intervindo na vida humana auxiliando em situações de limites propondo uma solução natural quando esta se torna impossível. Pode-se tornar um ser maligno, tornando oposto do bem, denominada de bruxa.

Algumas pesquisas de historiadores, arqueólogos, filólogos, etnólogos, cronistas ou compiladores foram sendo discutidas sobre a possibilidade da existência geográfica de onde surgiram as fadas com precisão como teriam sido nascidas.

No entanto, sabe-se que as fadas, desde tempos imemoriais vêm atraindo homens e mulheres entre sua fronteira no seu real e imaginário.

1.2 – Os contos de fada quanto à sua historicidade

Com relação à historicidade das narrativas e da contação de histórias no ocidente, os contos maravilhosos ou contos infantis, surgiram por volta do século XVIII e vão sendo desenvolvidos como uma das formas de educar os “pequeninos”, desempenhando o papel social nos questionamentos inerentes à condição humana como criação e formação moral do futuro adulto.

Para tal afirmativa, segundo Walter Benjamin, o narrar contos de fada para crianças era uma alternativa para dar conselhos, em casos difíceis:

O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância (BENJAMIN, 1993, p.215).

Os contos infantis têm na sua composição a origem da migração do mito em suas narrativas. Segundo Paz, o mito direciona “*a uma compreensão de uma ordem, de uma clareza e de uma harmonia de significado*” (1995, p. 28). Ou seja, esse pensamento mítico dentro da concepção da realidade de um povo pode ajudar na explicação de fenômenos naturais como à origem do mundo, o funcionamento da natureza tendo o direcionamento para as respostas ao sobrenatural, ao mistério, à magia.

Assim, as lendas e narrativas não são compostas por apenas um autor, detém-se por vários autores que vão a cada narrativa inserindo suas concepções e visões para a explicação do real, que acabam constituindo na tradição cultural e folclórica de um povo (MARCONDES, 2004).

Deste modo, o conto tem como uma de suas características a atemporalidade, sendo direcionado para um momento mágico, mas dentro da atualidade de tempo sem deixar de mencionar que preliminarmente era de forma oral. Essas características de sua originalidade que perpassam o mito com a intenção de projetar para uma outra ordem, o conto vai se estruturando e adquirindo definições e corpo narrativo.

Dentro desse corpo narrativo, os personagens vão sendo constituídos no enredo como a presença do herói, da vítima, do inimigo e dos auxiliares na ajuda do herói.

Outros adereços vão fazendo parte como um portal mágico que direciona ao mundo proibido ou desconhecido; os enigmas de sonhos dos participantes, principalmente, do herói; o tema do bosque; o tapete mágico e as botas que voam; etc. E para a finalização da história o desfecho de um final feliz que, em muitas vezes, se dá no casamento.

É preciso, também, ressaltar alguns pontos dos contos de fadas. Por um lado, não é necessariamente a presença de fadas na narrativa, pois no desenvolvimento da mesma há o uso de magia e encantamentos que levam “no faz de contas” os animais e plantas falantes, os duendes (homens de aparência estranha e estatura minúscula) que muitas vezes auxiliam o herói ou outro personagem, e, assim por diante (PAZ, 1995 & COELHO 1987).

Por conseguinte, o conto contém um núcleo problemático existencial, a exemplo, o herói ou a heroína na busca de realização pessoal como na superação da raiva e o medo bem como o seu papel de salvador/a na história, mediante as provas e obstáculos, que deverá vencer para o término da mesma promovendo uma ordem diante do caos.

Ou seja, no começo de cada história surge um momento de desequilíbrio, o rapto da protagonista da narrativa, a maldição lançada a alguém onde o herói e/ou a heroína vai em busca da solução do desfecho de um feitiço com intuito de conceber a ordem, a harmonia da história.

Assim, o herói serve de instrumento para conduzir à restauração do equilíbrio ao conto narrado, também, comparado como o mediador, pois *“ao enfrentar as provas que o confrontam com a antítese bem-mal, atinge um novo estado. As provas – clara reminiscência das provas iniciáticas - são essenciais para uma leitura do mito que se esconde por detrás do conto de fadas”* (PAZ, 1995, p.57).

Com relação ao lado mítico na estruturação do conto, a representação do número três está presente em sua estrutura, pois é considerado um número sagrado com a figuração de um triângulo com seus três lados iguais, significando um algarismo perfeito mostrando o direcionamento para o conto existir em sua narrativa.

São três os elementos narrativos: o princípio, o meio e o fim. Esses elementos apresentam seu valor no lado divino, sagrado, por representar a Santíssima Trindade na religião judaico-cristã, e serviria para identificar sua perfeição.

Segundo Paz (1995), os contos são formas do pensamento analógico. Para autora, essa linguagem proporciona caminhos intuitivos sejam eles na experiência real e religiosa relevante para a experiência cultural. Ou seja, essa linguagem consiste na passagem da obscuridade, do perigo, do caos para a luminosidade proporcionando uma ordem.

A autora comenta que a receptividade da criança se torna satisfatória assimilando, perfeitamente, esse movimento mágico que propõe a narrativa. Para

finalizar esse contexto, visando no lado psicológico, o autor Cashdan (2000) analisa como a criança lida com seus conflitos em busca do crescimento de sua personalidade, pois:

embora o atrativo inicial de um conto de fada possa estar em sua capacidade de encantar e entreter, seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento (p.25).

Portanto, a transmissão dessas narrativas nos proporciona a recriação de nossas experiências cotidianas, de nossas histórias de vida, dando assim, uma nova roupagem tanto na história individual, quanto na história social e coletiva. Recontar é recriar, é narrar uma velha história como se fosse nova, como dizia o ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Neste contexto, o/a contador/a desempenhará um papel fundamental na contação de histórias, temática que retornarei no movimento de escritura monográfica, buscando exemplificar a sua funcionalidade e desenvolvimento no cotidiano escolar.

Em uma perspectiva histórica, por volta do final da Idade Média o conto popular se torna literário, principalmente, a partir da ascensão da família burguesa, em que o conceito, a idéia de infância se torna cada vez específico na construção social.

Para a burguesia ascendente, a criança passa a não estar frequentemente na companhia de adultos, a preocupação em separar o mundo infantil do mundo adulto se faz importante. Surgem valores que designam aquilo que a criança já é, ou aquilo que dever ser; o que a criança poderá vir a ser.

Para tal burguesia nascente, a importância da criança da iniciação no mundo adulto oportuniza questionamentos inerentes à concepção universal do que é ser criança.

O Historiador francês Philippe Ariès (1989), no seu ponto de vista histórico, descreve uma versão histórica sobre a infância, trazendo o impacto significativo dessas questões nos meios acadêmicos e da educação como todo, contribuindo

para um levantamento de trabalhos diversos sobre a natureza social da infância, e de sua importância nas sociedades modernas.

Dentro do contexto histórico da infância, Ariès (1989), discute que na Idade Média não havia preocupação em separar o mundo adulto do mundo infantil. Essa sociedade era indiferente à distinção e a separação das idades.

Neste sentido, as crianças eram representadas como adultos em miniaturas, não havendo distinção nas vestimentas e tendo seu trabalho infantil junto com os adultos como forma de sustento familiar.

Do ponto de vista histórico, alguns pontos relevantes se fazem presentes na concepção da construção social, especialmente, o advento da revolução industrial e a ascensão da burguesia visam o conceito de família, a ideia de escolarização diferenciada entre ricos e pobres, e, principalmente entre as crianças pobres, o cuidado torna-se relevante, na medida em que a sobrevivência garantiria a presença de mão-de-obra futura.

A divulgação da imprensa, também, se faz crescente, trazendo o interesse pela alfabetização, propiciando que os livros começassem a ser publicados com edições mais baratas e com divisões entre gêneros visando o direcionamento para vários públicos.

Assim, alguns tipos de livros vão sendo produzidos tendo focos de direção prioritários. Por exemplo, os livros eruditos ou até científicos para as classes emergentes, e os livros populares como contos, notícias para as classes de menor poder aquisitivo, as classes populares.

Desse modo, os contos de fadas foram conhecidos como clássicos infantis nascidos na França do século XVII, na corte do rei Luis XIV pela mão de Charles Perrault e pelos irmãos Grimm, já mencionados acima, sendo que no final do século XIX, os contos foram sendo adaptados para peças de balé clássico, na Rússia.

Os contos de fadas advém de forma literária que apropriam-se dos elementos populares, para difundir valores e comportamentos das classes aristocráticas e burguesa com cunho, em sua originalidade amorais, nos quais abordavam a luta de classe real e competição de poder, apresentava a realidade de miséria, injustiça e exploração, atos de canibalismo, transformação de homens em animais ou plantas fazendo parte da realidade social e das crenças de muitas sociedades primitivas nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Para tal afirmativa, segundo Cashdan (2000), os contos eram, “*originalmente, concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas foram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam – não nas creches*” (p.20).

Ou seja, os contos serviam como uma das formas de transmissão de cunho moral, tendo às vezes o direcionamento às mulheres para os quais os ensinamentos eram sobre a submissão aos maridos, maneiras de comportamento como ser donas de casa, e em outros momentos, dentro de um regimento político como o absolutismo francês que divulgavam padrões, normas de civilização na corte de Luis XIV. Assim, os contos de fadas para aquele momento simbolizavam e legitimavam as normas do absolutismo, e os padrões de sociabilidade da época.

Segundo Canton (1994), enquanto Charles Perrault era o autor mais divulgado no século XIV, algumas damas da corte eram autoras de contos de fadas que forneciam diversão à corte representando uma maneira de expressar os descontentamentos deste espaço, como arranjos matrimoniais e a dominação patriarcal, a saber, M^{me} D’Aulnoy, M^{lle} L’Héritier, M^{lle} de Lubert, M^{me} de Beaumont e M^{me} de Murat.

Na filosofia das Luzes, a separação entre adultos e crianças se torna emergente culminando na construção de escolas e internatos para as classes ricas, e uma educação diferenciada para crianças de classes pobres.

Esse período é marcado pelos ideais da Revolução Francesa, que afirmam a igualdade, deveres e direitos dos indivíduos com a idéia de instrução para todos, formula constituições obrigatórias, em especial à educação de crianças por distinção de sexos.

Durante séculos, os contos de fadas foram sendo remodelados passando pelo processo de refinamento, ou seja, começaram a ser contados e escritos para o público infantil. A passagem da oralidade para a leitura foi um dos marcos potentes na qual a literatura infantil torna-se um dos instrumentos através do qual a pedagogia almejou alcançar seus objetivos, dando continuidade a preparação da criança para a vida social, transmitindo valores e concepções de mundo até os dias atuais.

Desse modo, com a expansão tipográfica esses contos que eram transmitidos oralmente, passam a constituir um novo gênero literário escrito: o conto de fada Kátia Canton (1994).

No entanto, é necessário discutir que nem todos os contos advêm dos contos populares orais, para os quais diversos estudos recentes de pesquisadores do assunto revelaram que alguns contos de fadas foram baseados em contos populares de magia, porém criados, também, pelos próprios escritores.

Como exemplo, o conto Barba-azul, discutido por Bruno Bethelheim (1980) que afirma que o mesmo foi inventado por Charles Perrault, mas podendo ser encontrado em contos anteriores russos e escandinavos.

Para tal afirmativa, os contos de fadas não são necessariamente universais, atemporais e anônimos como nos relatam algumas coleções editadas para o público infantil.

Desse modo, esses contos são, também, produtos pessoais de autores, que por sua vez os escreveram em contextos sócio-histórico específicos de sua uma época.

1.3 - A narração de histórias

A arte de contar história vem desde os tempos primordiais. Como exemplo dessa afirmativa, ressalto as antigas sociedades que usavam a oralidade para transmitir algo que seria para dar conselhos, ensinar, trocar experiências, passadas de pessoa a pessoa, em especial, dos mais velhos para os mais jovens.

Na Antiguidade, a Grécia Antiga, encontra-se o que seria preliminarmente uma cidade ideal para Platão, nos diálogos do livro “A República”, em que Sócrates e Adimanto discutiam sobre a formação de um cidadão e o cuidado com a criança, embutindo alguns valores que seriam para sua formação como sujeito. A saber, o honrar aos deuses, aos pais, os conceitos sobre deveres de um cidadão, tendo em vista o respeito e a obediência aos governantes.

Em outro exemplo, cito a sociedade ateniense que inspirados nos conceitos de educação concebidos por Platão, afirmava que as crianças deveriam ser educadas principalmente nos textos de poesias gregas escritas por Homero. Poeta este, que embora criticado por Platão (pois contava em algumas histórias, o fracasso

de guerreiros, os sentimentos humanos comparando-os aos deuses) e por Hesíodo e os demais poetas gregos.

Esses textos discutiam histórias de guerreiros que diziam respeito, muitas vezes, aos seus conflitos e comportamentos, a maneira de ser e de comportar diante das batalhas; a exaltação aos deuses e suas histórias. Enfim, aos conceitos da sociedade grega e seus valores e estatutos. Neste sentido, essas narrativas eram transmitidas para educar crianças nos modelos de repetição e de recitação de cor, exercitando assim, a memória.

Desse modo, a sociedade grega crescia e divulgava seus conceitos, preceitos de sua cultura na transmissão de geração a geração, garantindo a sua memória social, contendo suas experiências e tradições, tanto coletivas quanto individuais.

Ou seja, *“a memória é social porque opera com linguagens, conceitos, valores e noções que não são específicos de quem recorda, mas dos conjuntos em que se inserem e nos quais foram socializados”* (SOBRAL, 1998, p.38).

É ainda este autor que define a memória social como indissociável da memória individual, pois é impossível separar os fatos individuais dos fatos sócio-culturais que se engendram na construção do sujeito tal como ele é.

Nesta concepção, na qual a memória social é concebida como uma forma de conservação de valores e conceitos de uma sociedade, a educação das crianças vai sendo constituída, tendo como horizonte futuro, a sua formação como sujeito cidadão.

1.4 - A contadora de histórias: um longo processo de formação

O/A contador/a de história é aquela pessoa que traz em sua bagagem experiência própria de vida ou em contato com experiências relatadas por outros indivíduos para a qual tende a divulgar essas experiências ou relatos. No sentido coletivo, essas experiências vão se inscrevendo num determinado tempo comum há várias gerações, supondo assim, uma tradição compartilhada.

Dessa forma, quando a experiência é relacionada com um dos elementos essenciais na construção da narrativa tradicional, principalmente no coletivo, sua

divulgação de boca em boca vai se construindo a partir da memória daquele grupo. Assim, o processo e a prática social quando estabelecidos vão sendo compartilhada por todos, alimentando um reservatório de experiências deste (MATOS, 2005).

Desse modo, o/a contador/a tem presente em sua fala, geralmente, a tradição oral. Tradição esta que podemos incluir nas histórias, nos mitos, nos contos, nas lendas, pois de uma forma indiretamente ajudam a desvendar ou, até mesmo, solucionar problemas e situações que perpassam na nossa vida.

Nesse sentido, há uma instauração de “pacto” de sedução e prazer entre o contador e o ouvinte para os quais vão reelaborando e recriando a história seja ela contada, ouvida ou lida (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Walter Benjamin (1993), os contos de fadas ensinaram, tempos atrás, às crianças e a humanidade a enfrentar os problemas do mundo mítico com certa superioridade e ousadia. Assim, os contos são instrumentos de autonomia de palavras faladas que não conhecem fronteiras culturais, territoriais que as impeçam de expandir.

Para a autora Gislayne Matos (2005), os contos serviam de ensinamento às crianças como de uma moral prática, ou seja, os contos ensinam os comportamentos de uma sociedade, como às questões de fraternidade, cooperação, solidariedade, amizade para a sobrevivência de qualquer comunidade, visando a uma forma melhor para que o imaginário da criança possa contextualizar esses ensinamentos, pois *“Narrar histórias às crianças é de certa forma imprimir marcas no texto e nos próprios ouvintes: marcas da cultura de seu grupo, marcas de outros grupos distantes, marcas nem sabemos quais”* (MORAIS, 2002, p.85).

Algumas características que marcam ao contador de histórias é a sua assimilidade da apropriação daquilo que irá contar. O/A contador/a ou narrador/a precisa apropriar-se da história em que seus sentidos vão ser ajustados e o corpo poderá comunicá-la pelos gestos, entonação de voz, ritmo, expressões faciais e corporais etc. A performance do contador tende a esse processo de assimilação.

Essa assimilação visa buscar a compreensão da cultura de um determinado grupo, ou seja, procurando conhecer aquele público no seu contexto histórico-social daquele lugar. Para isso, o/a contador/a disponibilizará de instrumentos necessários que venham provocar no ouvinte a identificação com a história.

Para isso, o filme Irmãos Grimm de Terry Gilliam (2006), pode nos ajudar a entender um pouco esta assimilidade. O filme retrata a vida de dois irmãos que vão

em busca de relatos orais de um povo para o qual pede-lhes ajuda para exterminar um fato ocorrido naquela região, quer que seja um extermínio de bruxas, gigantes e outros encantos maléficos que amedrontam e assolam aquele lugar.

Os relatos são registrados em um livro e os irmãos Grimm analisam aqueles fatos propondo soluções com possíveis cobranças pelo serviço. O fato interessante é que os irmãos assimilam a história contada recriando uma nova história com vários adereços que enfeitam o enredo, dando dinamismo para o fato deixando a história mais interessante.

Desse modo, a história se tornava tão real aos seus imaginários que a fantasia se hibridiza com a realidade. E nesta hibridização que muitas crianças ao ouvirem histórias, tentam trazer na fantasia subsídios de entendimento para o seu imaginário, transferindo para a realidade que vai dando forma para uma possível solução. Assim, o/a contador/a de histórias precisa conhecer e identificar a história propondo um envolvimento real com público.

Remetendo essas questões para minha pesquisa, procurei conhecer na escola investigada, o público infantil, tendo em vista muitas conversas individuais e coletivas. Assim busquei conhecê-las um pouco mais e identificando-as através de suas narrativas, de suas compreensões e sentimentos sobre a concepção de mundo até então desconhecidas por mim.

Muitas histórias foram disponibilizadas em dvd's, utilizados como um dos instrumentos pedagógicos de provocação, para que as crianças através do contato com as histórias pudessem comentar e discutir.

Uma das questões relevante na pesquisa, observada na relação com às crianças, foi que durante as exposições dessas histórias, estas se identificavam e se reconheciam o tempo todo, ou seja, reconheciam as falas de suas mães, tipo o cuidado ao falar com pessoas estranhas, a obediência aos pais, enfim, no que diz respeito aos seus comportamentos e normas de condutas.

Desse modo, pude refletir que a contação de histórias é um instrumento pedagógico e uma trajetória investigativa com grande valia, na qual a teoria e prática se fazem necessárias para uma compreensão no campo empírico na escola, como incentivo ao acesso e a fruição da leitura a partir da literatura infantil, bem como um apoio aos professores nas questões curriculares e disciplinares, dentre outros planejamentos pedagógicos.

Dessa forma, procurei desenvolver, com as crianças na Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé, um projeto de contação de histórias, visando uma perspectiva de conhecer, escutar, entender a complexidades de seus processos de aprendizagem, visando contribuir em suas construções de conhecimento e aprendizagens, percebendo-as como sujeitos críticos em pleno desenvolvimento de sua autonomia.

Em meu caso particular, há existência de contadores de histórias em minha família, principalmente, a minha tia e o meu pai que são nordestinos que adoram contar histórias, especialmente, aquelas que aterrorizam qualquer criança ou adulto. Nem todas são histórias aterrorizantes, outras são histórias de vida.

Eles contam com tanta precisão, pois a maioria dos fatos é de seus conhecimentos tanto as pessoas que compõem a história quanto os lugares descritos. Com isso, suas emoções são transmitidas a cada contação de forma bem intensificada como se fosse a primeira vez.

Quando sentamos na varanda da casa de minha tia em uma cidade do nordeste, basta estar anoitecendo, que esses tipos de histórias vão retomando as emoções que antes foram sentidas, mas dentro de expectativas diferentes.

Desse modo, desde a minha infância, essas narrativas fizeram parte na minha vida, fazendo-me gostar de ouvir e ler histórias, incentivando e me possibilitando ser uma professora contadora de histórias, que espera ter as crianças como parceiras na construção do conhecimento, tendo às histórias infantis como um patrimônio literário a ser socializado.

Assim o(a) bom(boa) contador(a) é aquele que sabe narrar uma história bem contada, que procura prender a atenção do ouvinte, que desperta a emoção e faz com que se viaje no discurso da narrativa.

É, também, narrar com precisão detalhes a descrição do lugar, dos sentimentos dos personagens, dos acontecimentos da época, fazendo com que o ouvinte se situe no enredo da história. Para tal afirmativa, segundo Bruno Bettelheim (1985):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas

dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (p.13)

As crianças, nossas parceiras de “contação”, na Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé demonstraram que gostam de ouvir histórias e sentem prazer, pois a cada final, feliz ou infeliz, elas solicitam o recontar das mesmas.

Com relação ao conteúdo da narração, para contar uma história é preciso, antes de qualquer coisa, conhecê-la, identificá-la e buscar envolvimento com o público, além de possuir algumas técnicas: olhar no olho do ouvinte, mudar a entonação de voz, dar ênfase nas articulações de gestos e colocar dramaticidade no corpo como um todo.

Pelo lado sensorial, narrar não é de forma alguma, apenas obra da voz. No autêntico ato de narrar intervém a atividade da mão que, com os gestos, aprendidos no trabalho, apóia de cem maneiras diferentes aquilo que se pronuncia (BENJAMIN, 1980, p.74).

Na entonação de voz é necessário atentar para alguns possíveis aspectos. A voz é uma das formas de instrumento que o narrador necessita, pois para prender a atenção do ouvinte, o/a contador/a poderá direcionar o volume de voz mais baixo que será diferentemente quando for transmitida, com o volume de voz mais alto ou com ritmo mais acelerado para a dinâmica da narrativa, bem como adotar mecanismos de suspense pela intensificação da ação e da aventura.

Nesse sentido, é de extrema importância que, o/a contador/a adapte a história ao ouvinte em que será necessária para produção da mesma a espontaneidade do tom, ou gesto para enfatizar a dramaticidade do conto. No entanto, uma narrativa quando provoca emoções no ouvinte, desperta a vontade deste em ouvir a história de novo.

... diante de uma boa história , todo ouvinte tende a sentir-se contagiado e a desejar que não cesse de pronto a experiência estética que vive. Diante de um bom narrador ou narradora, desejamos a continuidade da história saboreada pelo ouvido, e nos

atrevemos a exigir seu recomeço, pois nos possibilita reviver o sabor já provado: conta de novo! (MORAIS, 2002, p. 82)

Segundo Betty Coelho (1997), contar histórias é uma arte que requer predisposição para o educador em lidar com crianças. Para isso, o/a contador/a deve estar ciente que a história deverá ser o foco de toda atenção, pois o/a contador/a é um mero transmissor que deixará as palavras fluírem naturalmente ao enredo do conto. Essa autora adverte que a criatividade se torna necessário para que ao recriar o texto, sua originalidade não venha perder sua estrutura essencial.

A voz, como uma ferramenta do narrador, é imprescindível no transmitir emoções. Existem vários tipos de vozes: as adocicadas, as sussurrantes, as suaves, etc. Tendo ainda alguns aspectos relevantes: a intensidade onde os ritmos, as inflexões e as entonações vão variar de acordo com a emoção que deseja transmitir; a clareza em que a boa dicção se faz importante na contação de uma narrativa; o conhecimento em que a escolha da história seja objetiva para os comentários das crianças e as avaliações de suas reações; o local e a faixa etária.

E dentro desses aspectos levantados como contar histórias, procurei exercitá-los na minha experiência como aprendiz de contação de histórias no projeto onde atuei numa Unidade Municipal de Educação Infantil na cidade de São Gonçalo.

II - NARRATIVAS DE UMA CONTADORA APRENDIZ NA UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ARCA DE NOÉ

Inicialmente, descrevo algumas situações vivenciadas no projeto *Por que o local? Um estudo sobre alfabetização patrimonial de professores de Educação Infantil em São Gonçalo*, que conta, desde 2005 com duas bolsas PIBIC UERJ e CNPq, a partir de uma parceria interinstitucional com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo, em especial com a Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé, de sua rede municipal.

Neste projeto tivemos como objetivo, problematizar o currículo e as práticas nas turmas de educação infantil, com vistas ao fortalecimento do trabalho coletivo da escola, bem como contribuir para organização curricular em projetos, oportunizando o acesso das crianças às diferentes áreas do conhecimento e subsidiar ações de formação continuada as práticas docentes e o trabalho coletivo.

Desenvolvemos atividades que tinham como objetivo central os direitos das crianças, para que elas possam conhecer a “substância” de cada direito, no qual adquirirão a consciência em conhecer e reconhecer para depois usufruir dos seus direitos como cidadãos críticos.

Desse modo, essas atividades foram planejadas e implantadas em busca de transversalizar, a partir de uma pedagogia do projeto, o favorecimento do diálogo da criança com a questão dos direitos.

E nessa trajetória, a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão tem sido um dos princípios fundamentais de nossas ações, visando à produção do conhecimento, relacionando de forma crítica e reflexiva à teoria com a prática, buscando promover um olhar sensível e questionador sobre o cotidiano escolar e suas diferentes dimensões.

2.1 – O trabalho de pesquisa como campo de reflexão

Coerente com a Perspectiva Freireana presente em nosso projeto, o trabalho de pesquisa tem sido norteado por questões de natureza políticas e epistemológicas, tendo como principal objetivo, a dimensão relacional, ou seja, a criação de vínculos afetivos e epistêmicos com a escola, sujeito de nosso trabalho, e com os sujeitos presentes no cotidiano escolar.

A pesquisa se fundamentou na perspectiva benjaminiana, no que diz respeito a sua abordagem sobre a importância da narração de história, na qual a oralidade contribui com a manutenção das histórias e memórias sociais, tais como a preservação do vivido e do contado, das experiências coletivas e individuais e da cultura dos povos com suas experiências e tradições.

Em nosso trabalho empírico objetivamos discutir na rede escolar a temática da *alfabetização patrimonial*¹, relacionando-a com a difusão e problematização da história e da memória local, visando contribuir junto aos sujeitos escolares uma implicação sócio-cultural em face ao patrimônio material e imaterial presentes na cidade.

A partir das visitas na escola e conversas com o corpo pedagógico da mesma, percebemos que a demanda urgente e definida pelo corpo docente foi à questão curricular. Tendo em vista que a instituição escolar organiza-se na estrutura

¹ TAVARES, M.T.G. Os pequenos e a cidade: O papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado pela UFRJ, 2003.

curricular com base nas efemérides e datas cívicas, voltando-se para uma *Pedagogia de Projetos*², iniciamos a nossa formação-investigação no trabalho por projetos.

Trabalhar com projetos é uma forma de vincular o aprendizado escolar aos interesses e preocupações dos alunos, aos problemas emergentes na sociedade em que vivemos à realidade fora da escola e às questões culturais do grupo. Os projetos vão além do limite do currículo, pois os temas podem ser explorados de forma ampla e interdisciplinar, implicando em pesquisas, busca de informações, experiências de primeira mão como visitas e entrevistas, além de organização e de registro, feitas individualmente, em pequenos grupos ou com a participação da turma toda. (CORSINO, 2002, p.1)

Dessa forma, a pesquisa na Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé envolve questões políticas, epistemológicas e relacionais. Assim, destacamos nossos objetivos:

- Identificar através do trabalho por projetos, os conhecimentos infantis, tanto escolares como os seus conhecimentos fora da escola;
- Desenvolver oficinas que contribuam para a criança conhecer e aprofundar o conhecimento e a vivência dos direitos da infância;
- Incentivar o acesso e a fruição à literatura infantil, através da contação de histórias.

Partimos para o desenvolvimento da pesquisa com o tema gerador “A infância e seus direitos”, tais como os direitos de proteção (nome, da identidade, do pertencimento de uma nacionalidade, etc), o de provisão (de alimento, de habitação, de condição de vida, etc) e o de participação (na decisão relativa à sua própria vida e na organização da instituição em que atua) (SARMENTO, 2004).

Acreditando que a criança é um sujeito em formação e um sujeito crítico, diante da precariedade que encontra o seu espaço escolar, resolvendo, assim, iniciar com a temática dos direitos da criança.

Nossa metodologia deu-se através da contação de histórias e músicas que interagem com o nosso tema gerador: “A infância e seus direitos”. Os contos infantis

² CORSINO, P. Trabalhando com projetos. Rio de Janeiro, 2002, mimeo.

foram desenvolvidos como uma das formas de educar os “pequeninos”, desempenhando o papel social nos questionamentos inerentes à condição humana, como criação e formação moral do futuro adulto.

2.2 – “Quem conta um conto, aumenta um ponto”: discutindo práticas, produzindo teoria – o trabalho pedagógico na arca de noé.

“Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Freire

Anteriormente, fui bolsista de extensão no projeto Vozes da Educação: Memória e História das escolas de São Gonçalo, no período de 01/07/2006 a 28/02/2007, promovido pela Faculdade de Formação de Professores.

Inicialmente, descrevo algumas situações vivenciadas no presente projeto, que conta desde 2005 com duas bolsas PIBIC/UERJ e CNPq, tendo também onze bolsistas voluntárias vinculadas ao projeto. A partir de uma parceria interinstitucional com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo, em especial com a Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé.

A escola de nossa pesquisa situa-se no bairro Camarão no município de São Gonçalo. Esta atende às crianças em 02 turnos, sendo que cada turno com o atendimento de três turmas. As visitas na instituição pelo projeto são feitas de 15 em 15 dias seguindo um cronograma pré definido.

A instituição escolar se estrutura em termos espaciais com 02 salas, 02 banheiros, 01 secretaria, 01 pátio, 01 parquinho, 01 cozinha, 01 copa. Para a dependência de equipamentos eletrônicos utiliza-se de 01 televisão, 01 DVD, 01 rádio e 01 vídeo-cassete.

Para iniciarmos nossas atividades na escola, buscamos começar pelo direito ao nome e ao pertencimento familiar, objetivando instigar à criança à compreensão da relevância do nome próprio como um patrimônio individual e familiar. Para o desenvolvimento da atividade, articulamos a nossa apresentação para as crianças, um jogral e cantigas de roda para um aquecimento lúdico corporal.

Ao entrar na escola, em 2007, tivemos como objetivo interagir com as crianças a partir de alguns assuntos pertinentes sobre “Os direitos da criança”. Nesta interação criamos alguns mecanismos pedagógicos como a produção de bonecos numa perspectiva de demonstrar a importância da questão do nome, do direito ao nascimento e seu registro, o acesso à certidão de nascimento.

Assim, situações e histórias foram construindo a partir do envolvimento com os bonecos, alertando a questão da relevância do nome no caso, “a Carol” e “o Severino”, criados na escola junto com as crianças. Dentro desta perspectiva, as crianças foram receptivas aos nossos encontros, tanto na interação com os bonecos, quanto às histórias que foram ali desenvolvidas.

Nessa perspectiva, focamos a relevância do nome próprio como um patrimônio individual como um dos princípios norteadores na Declaração Universal dos Direitos da Criança³, a saber: *“A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade”*.

E como, também, na estrutura familiar *“A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde; para essa finalidade deverão ser proporcionados, tanto a ela, quanto à sua mãe, cuidados especiais, incluindo-se a alimentação pré e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, moradia, lazer e serviços médicos adequados”*.

Desse modo, as atividades realizadas foram um grande desafio para o nosso processo investigativo e formativo, pois viabilizamos questões tão relevantes e importantes, tendo como objetivo, a possibilidade de sociabilização desses conhecimentos, buscando que as crianças da Arca de Noé pudessem estar em contato com seus direitos, sensibilizando-as a conhecer e reconhecer seus direitos como cidadãs críticas fortalecendo, assim, sua autonomia.

Um dos primeiros contatos com contação de histórias para crianças foi a história da Arca de Noé, partindo do pressuposto do nome da própria escola. Antes de iniciar o conto, perguntei-lhes quem conhecia a história, para minha surpresa a maioria já tinha tido o contato preliminarmente. Desse modo, solicitei-lhes que ficassem em silêncio, pois iria começar a contar a história.

As crianças estavam sentadas em roda, numa estimativa de 40 crianças (três turmas juntas), então, iniciei a história da Arca de Noé. Não me preendi ao texto

³ Site: www.dhnet.org.br

corrido. A partir das ilustrações do livro escolhido, contava a história do meu jeito, ou seja, (re)criei naquele momento uma história que não fosse de cunho religioso, apesar de que, muitas crianças já conheciam a história pelo seu lado religioso, a partir das informações da escola e de suas casas.

A partir de uma tradição de contação de histórias, iniciei com aquela famosa frase: “Era uma vez...” procurando levar à magia, ao encantamento na expectativa de ressaltar a imaginação dos ouvintes naquele contexto. Em todo momento, as crianças interagiam com a história, contando junto comigo. Todas queriam ser autoras da história.

Ao término de um “final feliz” da história, onde todos foram salvos, as crianças me solicitaram que a contasse de novo, confirmando a hipótese de Benjamin, sobre o desejo das crianças de ouvirem muitas vezes a mesma história.

Naquele momento, observei que quando a satisfação é prazerosa no inconsciente dessas crianças, cria-se o mecanismo de reviver o momento, tendo uma perspectiva de uma nova ressignificação de sentidos, e, no fim elas solicitam o recontar. A participação das crianças foi efetivamente boa e sua receptividade satisfatória. E juntos (re)construímos a história dando uma nova (re)significação na narrativa.

Na dinâmica do desenvolvimento da atividade, pedi-lhes que me ajudasse a contar a história. Então, à medida que eu lhes mostrava as figuras, elas contavam sua história dentro de seus pontos de vista. Em seguida, solicitamos que fizesse desenhos referentes à história para o entendimento da mesma.

Em outro encontro com as crianças desenvolvi a experiência com os “dedoches”. Neste caso eram apenas 10 crianças. Porém, um dia antes, fui solicitada em levar alguma história sobre aqueles personagens, apenas dois bonecos e um na figura de animal, no caso a lhama (animal característico do Peru), disponibilizados em nosso planejamento do trabalho por projetos.

Imaginei um título “A lhama perdida”, uma história de um menino que perde sua lhama de estimação, vai em busca do seu animal que se perde pelo caminho e que no fim é encontrado pelo menino possibilitando o desfecho de um final feliz.

No meio da história existiam alguns obstáculos, como um homem que, no meio da trajetória da busca, não indicava o caminho certo, fazendo com que o menino se perdesse perguntando sobre sua lhama e entrando em desespero a procura do seu animal.

No mesmo instante, pergunto na voz do menino, se as crianças saberiam dizer aonde estava o animal. Simultaneamente, elas começaram a indicar que o animal estava atrás de mim, pois ficava com as mãos para trás para a troca dos personagens. E de repente, o animal aparece e o menino vai ao seu encontro, proporcionando um final feliz entre os dois. As crianças ficaram encantadas ao ver a cena.

Nesse sentido, houve uma pequena conversa com as crianças. Elas disseram que o homem era mau, pois não indicou o caminho devido para encontrar o animal perdido. Algumas crianças comunicavam que não poderia pedir informação para um estranho, pois suas mães orientaram a não perguntar ou dirigir alguma palavra, ou até mesmo, andar sozinhas pelas ruas. Isso demonstra que elas se identificavam com a história, pois de uma forma indireta elas assimilaram suas experiências ao conto narrado.

É interessante refletir que apesar de, não apresentarmos nenhum cunho moral na história, elas próprias já dialogaram com se houvesse uma moral da história, ou seja, *“a criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela”* (BETTELHEIM, p.16). Desse modo, as crianças recebem com satisfação o final feliz e solicitam que a conte de novo.

Ao término da dinâmica, fizemos uma entrevista com elas. Dentro das perguntas, perguntamos o que elas achavam de nossa presença na escola. E para minha surpresa, algumas delas responderam que gostavam da gente, pois gostavam de ouvir as histórias. Perguntei-lhes se a professora contava histórias e responderam negativamente.

As crianças demonstraram que gostam de ouvir histórias e sentem prazer, pois a cada final, feliz ou infeliz, elas solicitam o recontar das mesmas. A presença dos bonecos confeccionados no primeiro dia sempre estava presente na hora de contar às histórias. De vez em quando, perguntávamos aos bonecos, de forma lúdica, se gostaram da história, colocando em interação, adultos, crianças e os bonecos (nossas figuras de transferências).

Em outro momento, a questão temática inicial desenvolvida em 2008 foi “os elementos da natureza: água, fogo e ar”. Enfatizamos a água para o começo de nossa conversa com as crianças, buscando pistas sobre o que é água e qual a sua importância.

Depois, disponibilizamos um pequeno filme sobre a água do Programa Infantil Cocoricó, em dvd, intitulado “Chuva, chuveiro, chuveirada”, no qual ambas as turmas estavam presentes na sala de recreação. (A atividade e sua execução encontram-se em anexo).

A participação das crianças foi efetivamente boa e sua receptividade satisfatória, juntas construímos uma outra história, dando uma nova (re) significação à narrativa a partir das conversas realizadas sobre o filme, durante e depois da sessão, especialmente, a partir de um texto produzido por elas.

Dividimos em dois grupos para a produção de um texto coletivo com o objetivo de reconhecer a importância do registro, através da escrita; valorizar a atuação das crianças enquanto construtoras do conhecimento, a partir da criação do texto; e fortalecer a importância do trabalho coletivo e a escrita textual.

Em outra situação, planejamos na distribuição de turmas, cada dupla e trio de bolsistas assumiram a turma. Dentro da sala de aula, conversamos com as crianças em busca de descobrir o que estavam fazendo naquele momento junto com sua professora como uma das formas de aproximação para um início de diálogo.

Dessa forma, partimos com as crianças em direção ao pátio formando uma grande roda, juntamente, com às outras turmas.

Iniciamos a roda cantando algumas músicas visando um breve aquecimento como forma de aproximação e preparação ao tema proposto que foi sobre o meio ambiente. Dando seqüência, anteriormente, confeccionamos os crachás com os nomes das crianças de cada turma e o com os nossos nomes, enfatizando a importância do nome mediante as identificações, assim, disponibilizamos os mesmos às crianças.

Desse modo, cada turma ficou com a responsabilidade de duas ou três bolsistas para as atividades com os nomes. Na nossa turma, colocamos os crachás nas cadeiras para que as crianças pudessem identificar o seu nome, então, uma a uma foi direcionando ao local em busca do reconhecimento do nome. Algumas reconheciam rapidamente enquanto outras apresentaram dificuldades.

Para o início da atividade, utilizamos como metodologia a contação de história utilizamos o texto produzido pela bolsista Alessandra: “Leno, o peixinho esperto” (em anexo).

Em relação às atividades com os nomes próprios, quero ressaltar para um fato relevante observado durante a pesquisa. Nas entrevistas com as crianças, uma

delas não queria falar seu nome, dando assim o nome sugestivo de “Teca”. Por hipótese, compreendi que ela não gostava do seu nome. Perguntei-lhe o porquê desse nome “Teca”, e, simplesmente me respondeu assim: *“Teca, tia. Eu gosto desse nome”*.

Com várias dinâmicas com os nomes conjugando entre músicas e jograis em busca de sensibilizar o sujeito, ao longo do nosso período naquela unidade, perguntei novamente para a criança qual era o seu nome, e para a minha surpresa ela disse o seu nome próprio.

Assim, pude observar mediante as atividades que a criança pôde internalizar essa importância do nome próprio como patrimônio individual na busca do direito ao nome, de uma identificação causando-lhe um sentido, e de forma inconsciente ela assimilou.

Percebi, também, que a receptividade das crianças ao ouvirem a história foi prazerosa e satisfatória, podendo observar que o tema proposto pela escola em trabalhar com o “Meio ambiente” foi de grande valia, devido pelo contexto de (con)vivermos com a epidemia da doença da dengue no Rio de Janeiro, e mesmo em São Gonçalo.

Quase todo tempo, às crianças se identificavam e expressavam em suas narrativas, o medo de serem picadas pelo mosquito da dengue. Elas se identificavam no decorrer da história, com os personagens que eram apresentados naquele momento.

Com isso, me foi possível refletir como a contação de história, é um dispositivo pedagógico, tornando-se extremamente eficaz na produção de sentidos para os sujeitos envolvidos naquele contexto histórico. Nesse sentido, pude estar dialogando com as crianças ao longo do enredo da história, oportunizando-lhes voz e participação na construção das reflexões ali produzidas.

Gostaria de ressaltar alguns pontos que dificultaram a minha “performance” durante essas dinâmicas: o primeiro diz respeito ao número de participantes, pois com um grupo de 40 crianças foi bastante trabalhoso desenvolver a atividade, já que algumas crianças se dispersavam com facilidade. Para com o grupo de 10 crianças, o desenvolvimento foi melhor, pois as crianças demonstravam estar atentas e bem receptivas.

Em suma, é necessário estar atento ao número de ouvintes, pois as intervenções durante a narrativa poderão dificultar a atenção dos ouvintes. As

histórias muito prolongadas dispersam a atenção dos ouvintes, principalmente crianças entre 3 a 5 anos.

Particularmente, as histórias de curta duração são as mais recomendáveis. Como principiante em contação de histórias reconheço que a minha experiência está sendo bem satisfatória e vide a avaliação das crianças e do meu grupo de pesquisa.

E que o contato inicial com as crianças, em especial na educação infantil, no desenvolvimento do projeto, me proporcionou questionamentos inerentes às práticas pedagógicas discutidas na Universidade, principalmente, na oportunidade de relacionar teoria e prática.

Observamos na pesquisa, que esses tipos de atividades são uma das formas de estar valorizando às crianças como sujeitos ativos na produção de conhecimentos, como afirmam Alderson(2005) e Corsaro (2005). As crianças são *co-produtores de dados em uma pesquisa*. Além disso, cremos que o trabalho parceiro colabore para a autonomia das crianças e auto-estima das mesmas.

Assim, a oportunidade de estar interagindo com crianças através de contação de histórias, vem possibilitando articular teoria e prática em meu processo de formação docente, contribuindo para que possamos vivenciar a “experiência” de professora-pesquisadora, no sentido Freireano do termo.

2.3 – Experiências compartilhadas durante a pesquisa

Foram inúmeras experiências com as crianças, nas quais busquei incentivar o seu interesse pela leitura e pela escrita. A participação das crianças da Arca foi surpreendente, pois percebi que existe o interesse por parte delas em querer saber, participar e serem autoras do seu fazer.

As narrativas são formas de expressão do pensamento pelas quais são carregadas de histórias de vida, sendo acompanhadas por conquistas, fracassos, felicidades, tristezas, angústias, anseios, enfim, toda sorte de sentimentos engendrados em cada sujeito. Sentimentos estes, muitas vezes provocados pela sociedade na qual a criança está inserida.

Dentro dessas narrativas, a experiência é um traço cultural que envolve sentimentos e histórias que explicitam a cultura de um povo, bem como a cultura de

cada sujeito, que se manifesta expressamente em um determinado contexto sócio-político-econômico.

Para se conhecer um determinado grupo e entender melhor como se relacionam em um dado espaço, entrevistei as crianças com o intuito de conhecer e entender como elas construíam a sua concepção da escola.

Pude observar que em suas falas que o anseio de brincar livremente era uma das intenções daquele lugar. A unidade escolar não proporciona um espaço adequado para brincadeiras mais extensas, pois sua estrutura é de uma casa, como grande parte das escolas de São Gonçalo, principalmente aos bairros ao redor, adaptada para o fim escolar. Esta instituição é cedida para Prefeitura pela associação religiosa Exército da Salvação, mas nos finais de semana é utilizada para o trabalho de evangelização do Exército da Salvação.

Desse modo, o espaço físico-arquitetônico é um ponto de tensão naquela escola, tendo em vista que não é apenas utilizado para brincadeiras educativas, mas também, cotidianamente reaproveitado como uma sala para a realização de atividades com às crianças, como um espaço de aula, pois o mesmo é compartilhado por mesas e cadeiras que compõem o refeitório que fica no pátio da unidade escolar.

A instituição se organiza em sua estrutura curricular com base as efemérides e datas cívicas. Sua dinâmica de trabalho com as três turmas nos dois turnos de funcionamento, se realiza sob a forma de rodízio entre as turmas.

Sendo assim, seu funcionamento é precário devido especialmente, ao espaço físico não favorável ao desenvolvimento dos trabalhos pedagógico com às crianças.

Portanto, quase não há espaço para brincadeira entre às crianças, sendo o espaço, principalmente as salas de atividades, um ponto conflitante na escola, aparecendo de forma negativa nas narrativas das crianças da Arca de Noé.

Acreditamos que o espaço para a brincadeira é relevante, pois o contato com os brinquedos faz com que a criança oportunize um momento entre o seu imaginário e o mundo real como forma de identificação e solução para uma possível compreensão de sua vida na realidade, ou seja, a criança subverte uma ordem e com seu olhar de uma outra forma possa enxergar o real.

Concordando com Walter Benjamim (1987), entender a criança como sujeito que está inserida na história, pertencente a uma classe social fazendo parte da

cultura e produzindo cultura, é um dos pontos fundamentais para colocar a criança como sujeita dessa parceria do seu meio social.

Contudo, as narrativas expressam anseios, experiências e estas anunciam a real condição para o fato vivido ou narrado sobre aquela situação.

Desde já, minha intencionalidade aqui descrita não é um ato de denúncia para/com a unidade, mas uma forma de entender as crianças naquele contexto escolar.

Acredito que a escola, a partir de minhas leituras acadêmicas e vivências pessoais, é um espaço dialógico para diferentes reflexões e tensões com a comunidade como todo que envolve professores, servidores, pais, coordenadores, diretores e a comunidade, enfim, toda a parte que compõe o meio escolar.

Para tal afirmativa, segundo Juarez Dayrell (1996) a escola é como espaço sócio-cultural, pois através da observação crítica, podemos:

compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história” (p.136).

Dessa forma, busquei conhecer, identificar e compreender como essas tensões pode mostrar um panorama dinâmico e global dos sujeitos envolvidos, principalmente, as crianças, naquele contexto escolar.

Um ponto que gostaria de compartilhar, seria o meu desempenho e experiência com a contação de histórias. Pude observar que ao fazer a leitura de um livro durante a contação algumas crianças aparentavam pouco predispostas a ouvir a narrativa exposta, pois comparando ao prazer quando desfrutavam a narração oral de algumas histórias era notório.

Para a história contada oralmente com instrumentos de sonorização e bonecos expostos a receptividade teve uma melhor aceitação. Entendo que a maioria dessas crianças tem em seu cotidiano a oralidade bem presente.

Ao refletir sobre essas situações, o papel do/a professor/a em estar atento para a essas questões se faz relevante na medida em que observa sua prática

educativa, na sua trajetória investigativa de professor/a-pesquisador/a, para as diferentes áreas do saber refletindo e problematizando sobre a prática escolar.

Dessa maneira, o/a professor/a deverá ser um mediador/a dessa trajetória ensino-aprendizagem propiciando a criança ter um contato com a leitura e a escrita, pois o contato com os livros e as histórias se faz necessárias para o seu desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, o/a docente deve ter a consciência de que *“as crianças devem ter tempo e espaço para falar bastante, contando seus casos, ajudando a organizar o dia da creche, criando regras para o grupo, propondo atividades”* (ABRAMOWICZ e WAJSKOP, 1999), pois a escola chama para si a responsabilidade de ensinar a língua escrita oportunizando ao sujeito uma natureza formal desse ensino.

Contudo, o professor deve *“saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (FREIRE, 1996).

Ou seja, segundo o autor, o professor precisará estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos para que haja essa interlocução entre o professor e aluno, ajudando ao discente a visibilizar novos direcionamentos, visões de mundo para sua emancipação cultural e social como ser histórico e crítico em suas ações.

A leitura de textos poéticos com às crianças na Educação Infantil, não só aproxima o livro como fonte de conhecimento e prazer, mas vai tecendo um papel relevante na formação da expressão verbal, pois possibilita a criança a desenvolver o seu pensamento, codificando os símbolos e, então, partindo para a compreensão textual da escrita.

Assim, o texto criativo tem com característica principal a surpresa causada pelas relações que estabelece no campo da composição e sentido do leitor. Para tal afirmativa trago Bettelheim (1980) quando este afirma que a criança

...pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo

inconscientes às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. (p.16)

Nesse sentido, compartilho sobre a composição de um texto produzido na sala coletivamente em um dos nossos encontros com a unidade escolar. No anexo, desta monografia, encontram-se dois textos produzidos pelas crianças, onde elas foram autoras e participantes de tais produções atestadas com auxílio de um adulto presente para a elaboração textual.

Isso foi uma das formas de apresentação de novas conexões para a consciência delas, abrindo-lhes novas possibilidades de aproximação e expressão de objetos cujos vínculos eram desconhecimentos, ou seja, o desconhecimento de que a poluição poderia causar aos sujeitos protagonistas do texto.

Dessa forma, a poesia e a narrativa proporcionam à criança, principalmente na Educação Infantil, a oportunidade de experimentar a pontencialidade verbal, descobrindo novos efeitos de sentidos e diversas possibilidades de nomeação que mediará seu conhecimento de mundo que a cerca. Assim, o livro infantil será apresentado à criança com um suporte que dará asas para sua imaginação.

Com isso, podemos perceber que a literatura infantil e a contação de histórias é de grande relevância para o desenvolvimento da linguagem e da imaginação da criança, sendo necessário que o/a docente se utilize dessa importante ferramenta - A contação de histórias - a fim de proporcionar atividades prazerosas e eficazes, no sentido para que ao ato de contar venha convencer, enfatizar, comprovar, seduzir, exemplificar, distrair, divertir, emocionar e dentre outros, seus alunos em sala de aula, na qual pude ter nesses encontros com as crianças.

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as experiências adquiridas na UMEI Arca de Noé pude observar a relevância do uso da contação de histórias como uma metodologia pedagógica durante as nossas oficinas realizadas a partir do projeto no qual atuei desde abril/2007 até agosto/2008. Projeto este, que foi de grande valia para minha pesquisa monográfica e formação profissional.

A contação de histórias é uma ferramenta pedagógica potente, na qual a arte de narrar se torna um instrumento valioso para a circulação e troca de conhecimentos, quer seja a partir de um tema geral, quanto à especificidade de um tema mais definido.

A contação de histórias no cotidiano escolar não se limita apenas a simples transmissão de fatos. A arte de contar, para além da transmissão de conhecimentos básicos sobre temas específicos, busca tornar acessível, sob a forma de linguagem poética, os “mistérios do mundo”, facilitando o aprendizado infantil e criando condições pedagógicas que possam gerar apropriações a partir da criação de sentidos pelas crianças.

Ou seja, as histórias estão disponíveis para que as crianças como cidadãs-leitoras possam ser capazes de exercer sua capacidade de interpretação do real com mais prazer e liberdade, fazendo escolhas, comparando às histórias, buscando analogias e um repertório cultural, que contribua para escolhas e opções em suas trajetórias de vida.

Nesse sentido, a pesquisa me proporcionou um espaço de diálogo, de reflexões e questionamentos sobre o cotidiano escolar, levando-me a compreendê-lo como um lugar de trocas de experiências e aquisição das mesmas, onde a prática é exercida mediante as leituras acadêmicas que discutimos na faculdade, ou seja, tornando possível, o diálogo entre a universidade e a escola.

Desta forma, a minha inserção ao projeto foi relevante para minha pesquisa monográfica, pois durante o processo de pesquisa, pude constatar aspectos positivos e importantes ao tema proposto que é a contação de histórias.

Pude vivenciar a contação de histórias como uma ferramenta pedagógica que incentiva às crianças à livre expressão, e ao contato com o livro e a escrita, de forma lúdica e prazerosa.

Neste sentido, a monografia me permitiu um processo de construção de conhecimento, tecido a partir de minhas reflexões/problematizações sistemáticas sobre a prática escolar, no contato com a escola e com as crianças, reconhecendo-as também como produtoras de conhecimento.

Inúmeras vezes no desenvolvimento da pesquisa, pude adquirir experiências em contar histórias para crianças, principalmente, na Unidade Municipal de Educação Infantil Arca de Noé.

Dentro de nossa investigação, articulamos “os direitos da criança: de participação, de provisão e de proteção” de forma lúdica, problematizando situações vivenciadas naquele contexto escolar.

A partir de minhas reflexões como estudante de Pedagogia e bolsista de Iniciação Científica, compreendi que mesmo no mundo grafocêntrico atual, como professores(as) devemos incentivar os nossos alunos(as), com base na oralidade, a fazer com que (re)produzam a (re)criação da história, dando novo sentido e se apaixonem pelo mundo da narrativa.

O(a) professor(a) que conta uma história, quer que seja oral ou escrita, possibilita uma oportunidade de fazer circular experiências epistêmicas e vivenciais muito importantes para a formação pessoal e social da criança. A contação de

histórias possibilita, muitas vezes no seu movimento circular, na experiência de “contar de um conto”, que a história tenha um movimento dialético passado/presente/futuro, como nos ensina Pessanha (2002).

Assim, podemos dizer que o(a) professor(a) se torna um(a) contador(a) que organiza o seu discurso através do processo de interação com um aluno interlocutor, quando estabelece com ele uma relação de receptibilidade, e de diálogo com o seu ouvinte.

Mas para isso, é necessário que o(a) professor(a) tenha experiência e competência para esse desafio: a arte de contar histórias. Experiências essas que são fundidas dentro de histórias do cotidiano, do conto, das histórias individuais ou coletivas, dos sentimentos brotados a cada circunstâncias da vida e da cultura dos povos em suas tradições.

E é nesse tocante que o(a) professor(a) transforma-se em um(a) mediador(a) no contexto da educação, em especial, em sua sala de aula, como um(a) contador(a), levando às crianças à produção do conhecimento e a busca constante de respostas para às diferentes questões presentes em seu(s) mundo(s).

No processo de transversalidade de conhecimentos na sala de aula da Educação Infantil, a contação de histórias como um princípio teórico-metodológico, contribui para captar acontecimentos, representações e práticas cotidianas, colocando-as em conexão com os diferentes campos do saber.

Em meu movimento sistemático de pesquisa pude constatar em termos teórico-práticos, como a “arte de contar” é importante na educação da infância, bem como possibilita o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento humano: as histórias oferecem um variado repertório, que transitam entre o conhecimento formal, o informal, o mito, o sagrado, o profano, os conhecimentos espontâneos, enfim, tudo o que a criança absorve do mundo que a cerca.

Neste meu processo de investigação, a pesquisa monográfica articulada ao meu trabalho de bolsista no projeto de Iniciação Científica, possibilitou-me o exercício do *olhar investigativo*, me ajudando a ter uma *escuta sensível* para diversas situações e questionamentos presentes no cotidiano escolar, fortalecendo a minha formação como professora-pesquisadora da(s) infância(s).

Deste modo, a monografia como um trabalho de pensamento, contribuiu para que teoria e prática se articulassem em meu processo de formação, me

oportunizando construir nichos de sentidos, dar concretude ao que parecia apenas abstração.

Assim como na linguagem popular, aprendi que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. O ponto que aprendi, diz respeito ao sentimento de potência e a minha confiança na construção de relações dialógicas no cotidiano escolar. Aprendi que contar histórias implica em construir significados compartilhados. Implica em fazer circular às palavras, dando ao mundo e a nós mesmos, uma outra chance de (re)nascimento: Conta outra vez !

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A e WAJSKOP, G. *Educação Infantil Creches: atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Ed. Moderna, 1999.
- ALDERSON, P. *As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa*. In: *EDUCAÇÃO E SOCIEDADE* 91, São Paulo: Cedes, vol. 26/ maio/agosto, 2005.
- ARIÈS. P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BENJAMIN, W. “O Narrador”. In: *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: editora Brasiliense, 1993(1985).
- _____. *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. *Obras Escolhidas*. Rua de Mão Única. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1985.
- CANTON, K. *E o príncipe dançou: o conto de fadas, da tradição oral a dança contemporânea*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- CASHDAN, S. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO. B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. Ática, 1997.

- COELHO, N.N. *O conto de fadas*. Ática, 1987.
- CORSARO, W.A. *A entrada n campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Educação e Sociedade 91, São Paulo: Cedes, vol. 26 – maio/agosto, 2005.
- CORSINO, P. *Trabalhando com projetos*. Rio de Janeiro, 2002, mimeo.
- DAYRELL, J. *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1999. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 9 jul. 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MATTOS, G. A. *A palavra do contador de histórias*. Martins Fontes, 2005.
- MORAIS, J.F.S. *Histórias e narrativas na educação infantil*. In: GARCIA, R.L. *Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2002.
- OLIVEIRA, M.R. *Alguns conceitos sobre o ato de narrar*. Revista Nós da Escola - Multirio. Rio de Janeiro, n.45, 2007.
- PAZ, N. *Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas*. Pensamentos Ltda, 1995.
- PESSANHA, L.B.S. *Oralidade e Leitura: movimentos que ressoam na reescrita da vida*. Dissertação de Mestrado em Educação, Niterói: UFF, 2002.
- SARMENTO, M.J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA A.B. (orgs) *Crianças e miúdos: Perspectivas sociais pedagógicas da infância e da educação*. Porto: ASA, 2004.
- TAVARES, M.T.G. *Os pequenos e a cidade: O papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado pela UFRJ, 2003.
- SOBRAL, J.M. *Memória social e identidade*. In: CARDIM, P.(org). *A História: Entre Memória e Invenção*. Portugal: Publicações Europa América, 1998.

ANEXOS

- 1 – Modelo do questionário aplicado às crianças

- 2 – Alguns roteiros de Atividades desenvolvidas na UMEI Arca de Noé
- 3 – Alguns textos produzidos pelas bolsistas
- 4 – Alguns textos produzidos pelas crianças

Questionário aplicado às crianças

1. Qual é o seu nome? Quantos anos você tem?
2. O que você acha de sua escola?

3. Você gosta de estar aqui? Por quê?
4. Onde prefere ficar aqui ou sua casa? Por quê?
5. O que você mais gosta de fazer quando você está aqui na escola? Por quê?
6. O que você mais gosta de fazer na sua casa? Por quê?
7. O que você acha quando estamos com vocês? Por quê?
8. Quem são seus amigos?

Roteiros de Atividades desenvolvidas na UMEI Arca de Noé

1º MOMENTO: “Início da conversa com todas as crianças.”

✓ Desenvolvimento da Oficina: Nomes e a Escola.

- Jogra: Nomes e Histórias.
- Apresentação das crianças, das pessoas da escola (pelas crianças) e da equipe de pesquisa.
- “Cantoria”: Cantigas conhecidas.

2º MOMENTO: “Conversa em dois grupos.”

- ✓ Desenvolvimento de atividades diversificadas e simultâneas.

Grupo 1:

- Conversa sobre a Água.
- Rápida avaliação sobre o que foi conversado.

Grupo 2:

- Introdução ao filme.
- Assistindo Cocoricó
- Conversando sobre o que vimos.

3º MOMENTO: “Culminância.”

- ✓ Construção de um texto coletivo.
- Pensar o que escrever.
- Escrevendo nosso próprio texto, com ajuda de todos

Materiais utilizados:

- Folhas de papel 40kg.
- Caneta Pilot.
- Fita adesiva.
- DvD Cocoricó “Chuva, chuvisco, chuarada”

Detalhamento das atividades.

1º MOMENTO: “Início da conversa com todas as crianças.”

Oficina: NOMES E ESCOLA.

Objetivos:

- Propor que as crianças percebam a importância de ter um nome.
- Proporcionar que entendam o nome como patrimônio.
- Trabalhar com os nomes das pessoas que estão envolvidas na escola.

Descrição:

Esta se constitui em uma oficina na qual procuramos conhecer as crianças e fazer com que nos conheçam. Buscando principalmente explorar a pluralidade de nomes, e a importância de tê-lo. Visando reforçar o nome como um dos Direitos da Infância. Da mesma forma que pretendemos explorar os nomes das pessoas envolvidas na escola.

Desenvolvimento:

1ª Etapa: Iniciamos a oficina apresentando um jogral do texto: “Nomes e Histórias”

A apresentação do jogral se dá de forma interativa, pois ao final de cada estrofe as crianças serão motivadas a participar, falando seu nome e possivelmente fazendo um comentário.

É importante também que se levante questões que estejam relacionadas aos nomes “presentes” na escola, não apenas das crianças, mas dos professores, funcionários e inclusive o nome da escola, já que nossa intenção é reforçar a importância do nome.

2ª Etapa: Apresentação da equipe de pesquisa.

3ª Etapa: Cantar com as crianças cantigas que estejam relacionadas ao nome.

Ex: Se eu fosse peixinho, A canoa virou, É de tango tango, “Fui no tororó”(adaptada).

Nomes e histórias.
Edilzete F. Reis.

Maria começa com mar
E termina com dia
Que mais posso imaginar
Com que se chama Maria?

Roberta é sorriso aberto
Luciana é luz que atravessa
Leonardo, ê, nome danado
Já vem com leão marcado

O Pedro tem pedra no nome
Marcelo parece martelo
O Marcos é cheio de marcas
O Severino é severo?

Augusto Leonardo, aurora
João marina da glória
Benedita, Sérgio, vitória
Cada um com sua história

E você, como se chama?
Venha logo me falar
Pois a história do seu nome
Só você pode contar.

2º MOMENTO: “Conversa em dois grupos.”

Atividades diversificadas e simultâneas.

Objetivos:

→ Perceber, através da fala das crianças, o que sabem sobre o tema a ser trabalhado: “Água”.

→ Utilizar o Programa Cocoricó, como apoio e apresentação do tema de uma forma lúdica.

Grupo 1: Período de investigação.

Descrição:

Neste momento questionaremos as crianças o que sabem sobre a água, sobre a chuva, para que a partir do que for dito por elas possamos aprofundar “cientificamente” o tema em questão. Lançando mão de estratégias pedagógicas.

1ª Etapa: Partiremos de uma conversa informal que terá como foco, perceber o que entendem sobre a “Água”.

- ✓ O que vocês sabem sobre a água?
- ✓ Para que serve a água?
- ✓ Onde podemos encontrar água?
- ✓ E a chuva, o que é?
- ✓ Por que chove?

2ª Etapa: Tendo como referência o que foi dito pelas crianças, iniciamos uma discussão científica sobre o tema. Para tratar o mesmo de uma forma mais concreta, utilizamos uma melancia como exemplo de fruta rica em água e inclusive trataremos também da água que possuímos em nosso corpo para que desta forma possamos aprofundar nossos conhecimentos a respeito do tema estudado.

3ª Etapa: As crianças poderão expor um pouco do que foi apreendido e levantar novas questões caso seja necessário.

Grupo 2 : Sessão de Vídeo.

Descrição:

Utilizando o programa Cocoricó, estaremos apresentando o tema de uma forma lúdica e agradável para as crianças.

1ª Etapa: Conversa introdutória sobre o filme.

2ª Etapa: Assistir ao Programa Cocoricó “Chuva, Chuvisco e chuvarada”

3ª Etapa: Conversa sobre o filme, para que juntos possamos avaliar o que foi apreendido pelas crianças através do mesmo.

3º MOMENTO: “Culminância.”

Construção de um texto coletivo.

Objetivos:

- Reconhecer a importância do registro, através da escrita.
- Valorizar a atuação das crianças enquanto construtoras do conhecimento, a partir da criação do texto.
- Fortalecer a importância do trabalho coletivo.

Descrição:

Juntos, crianças e professoras escreveram um texto coletivo, que será fruto das discussões feitas durante nossa visita.

1ª Etapa: As crianças serão motivadas a criar seu texto sendo que, será fundamental que todos participem.

2ª Etapa: Uma leitura do que foi produzido, até o momento.

3ª Etapa: Finalização da produção e uma releitura possivelmente “coletiva”.

OBS: Sendo um texto escrito por cada grupo de crianças, assim termos a construção de dois textos, por turno.

Produções dos grupos do turno da manhã.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1º MOMENTO: “Rodinha da socialização”.

Obs.: Realizada em três grupos, correspondentes às turmas: azul, verde e amarela.

■ Aquecimento.

- Ao mostrar os crachás para as crianças, instigá-las a reconhecerem seu nome.
- Entrega dos crachás.
- Proposta de cantar a cantiga “*Se eu fosse Peixinho e soubesse nadar*”, vinculando o tema “**A poluição no mar**” com a recapitulação dos nomes da equipe de pesquisa e das crianças.



Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar.
 Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar eu jogava... (nome da criança ou da professora) no fundo do mar.
 Se eu fosse peixinho e soubesse nadar eu retirava... do fundo do mar...



2º MOMENTO: Conversa sobre o tema do projeto.

■ Apresentação do tema.

Abordagem sobre a poluição dos mares.

Aproveitando o “gancho” que a cantiga possibilita - o que **joga** e o que se **retira** do mar – indagar as crianças:

- que se costumam jogar no mar?
- Quais os animais que vivem no mar?
- que deve continuar no mar?
- E o que deve ser urgentemente retirado?

3º MOMENTO: Culminância.

■ “Pescar, agrupar e contar”

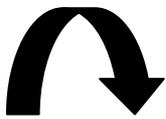
Pescaria, motivados pelas seguintes questões: O que retirar do mar? E o que “devolver” ao mar?

Contagem dos objetos e formação de conjuntos.

Registro no cartaz dos conjuntos montados e suas respectivas quantidades.

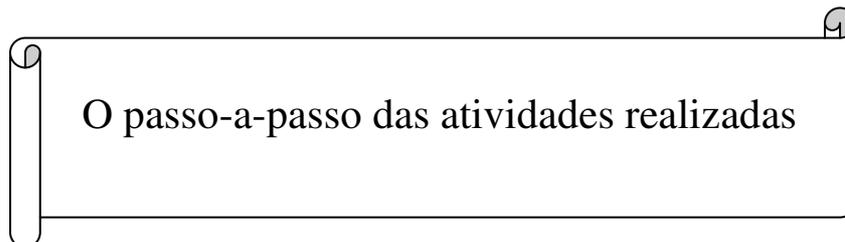
4º MOMENTO: Atividade opcional.

- Construção de uma história coletiva, com os personagens presentes no mar.
- Articulando os temas: água, poluição, animais marítimos, alimentação e outros possíveis focos.



MATERIAIS UTILIZADOS:

- = Piscinas de plástico.
- = Peixinhos, estrelas do mar, vara de pescar, tartarugas marinhas entre outros objetos.
- = Sucatas.
- = Folhas de papel pardo.
- = Folhas de papel silhueta.
- = Canetas Pilot.
- = Fita adesiva.
- = Durex colorido.



1º MOMENTO: “Rodinha da socialização”.

■ Aquecimento.

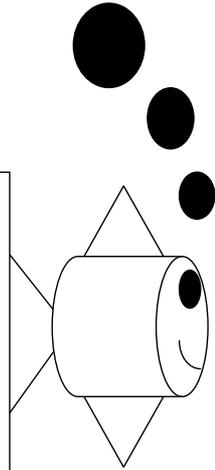
Crachás com os nomes: Visualização (reconhecendo seu nome) e entrega dos mesmos.

Cantigas: “Bom dia” ou “Boa tarde”, “Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar”, “Fui no tororó”, “Quem mora no mar?” entre outras canções propostas pelas crianças.

Letra da canção:

Quem mora no mar?

Chuíá, chuíá, quem mora no mar? Quem mora no mar? Quem mora no mar? **REFRÃO (2X)**
 No mar têm peixinhos!
 Morena tem, morena tem. **(REFRÃO)**
 E também têm golfinhos!
 Morena tem, morena tem. **(REFRÃO)**
 No mar têm baleias!
 Morena tem, morena tem. **(REFRÃO)**
 E a pequena Sereia!
 Morena tem, morena tem. **(REFRÃO)**
 E... (sugestões das crianças)



Objetivos:

- Mostrar os crachás, a fim de que as crianças reconheçam seu nome.
- Instigar para que percebam a importância do nome, percebendo-o como patrimônio.
- Cantar as cantigas, com o intuito de (re)apresentar os nomes das crianças e do grupo de pesquisa.

Descrição:

Neste momento, é de suma necessidade, fixar a importância do nome e estabelecer uma relação de amizade para com as crianças, colocando-nos no papel de parceiras, estreitando nossos laços de companheirismo, procurando conhecer as crianças e fazer com que nos conheçam. Tendo como principal meta reforçar o nome como um dos Direitos da Infância, portanto, buscando explorar os nomes das crianças e também das pessoas que as cercam (Familiares, professoras e funcionários da escola).

Desenvolvimento:

1º Etapa: Iniciamos a rodinha com a provocação: **“De quem é o nome neste crachá?”**

2º Etapa: Cantoria (cantiga “Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar”) e outras que possibilitem a apresentação do nome de cada criança e da equipe envolvida na atividade e a articulação com nosso projeto “Forças da natureza” (água).

2º MOMENTO: “Conversa informal sobre o tema do projeto”.

■ Apresentação do tema.

Objetivos:

- Fazer perguntas às crianças para que elas expressem o conhecimento que possuem do tema.
- Observar, a partir das falas das crianças, o que já sabem sobre o tema em pauta “água”, “poluição dos mares”...
- Utilizar o gancho que a cantiga “Se eu fosse um peixinho” propicia, para apresentar o tema.

Estes questionamentos, ainda na rodinha, servem para “resgatarmos” o tema “água” (mais amplo) e apresentarmos uma ramificação do mesmo “a poluição do mar, o que vive no mar...”, buscando sempre ouvir as crianças, isto é, suas afirmações, dúvidas, hipóteses...

Algumas das perguntas feitas:

- 1-Onde encontramos água salgada em grande quantidade na natureza?
- 2-O que tem no mar?
- 3-O que se costumam jogar no mar?
- 4-Quais os animais que vivem no mar?
- 5-O que deve continuar no mar?
- 6-E o que deve ser urgentemente retirado?

Algumas repostas obtidas:

- 1- “praia”, “mar”...
- 2- “jacaré verde”, “sereia gorda”, “tartaruga”, “tubarão grande”, Peixes pequenos e grandes”, “baleia que teve um filhote pequenininho” ...
- 3- “o lixo”, “as pessoas jogam”, “não pode jogar”, “se não o peixe morre”...
- 4- “peixes”, “baleia”...
- 5- “peixes”, “tubarão”...
- 6- “o lixo”...

3º MOMENTO: “Culminância”.**■ “Pescar, agrupar e contar”.****Objetivos:**

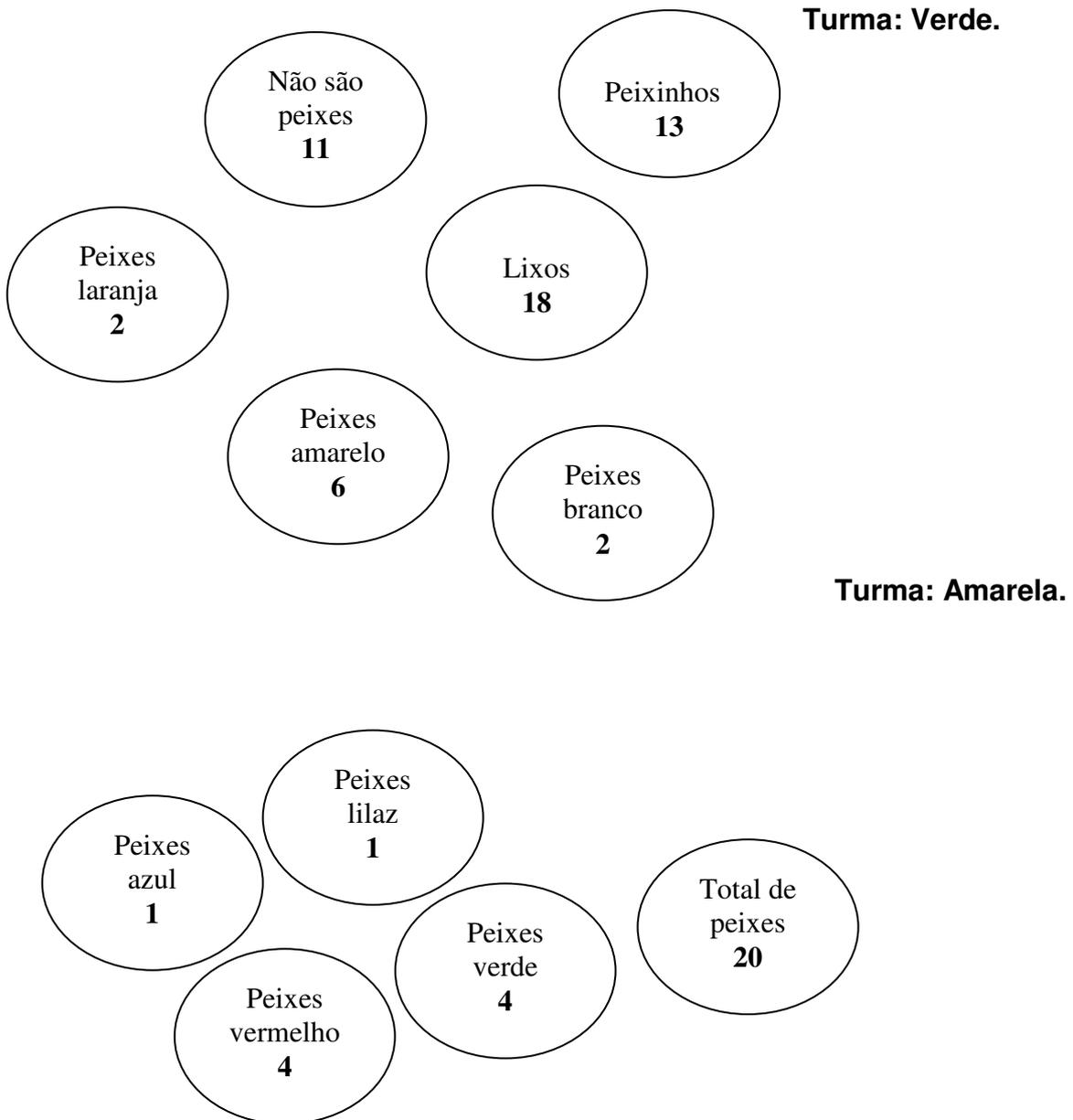
- Observar que ao retirar ou colocar alguns objetos, estamos realizando a subtração (quando se retira) ou a adição (quando se coloca).
- Perceber noções de agrupamento (conjunto).
- Contar a quantidade de objetos dos conjuntos feitos.
- Registrar o nome dos conjuntos e sua quantidade no cartaz.

1º Etapa: Pescaria.

As crianças, uma de cada vez, pescaram o que se deve retirar do mar “os lixos”, em seguida contamos o que restou no mar. Depois pescaram alguns peixinhos, então contamos quantos haviam restado no mar e quantos peixes haviam pescado.

2º Etapa: Montagem dos conjuntos e registro no cartaz da quantidade de cada conjunto.

Foram formados os seguintes conjuntos:



Alguns textos produzidos pelas bolsistas

LENO, O PEIXINHO ESPERTO

Alessandra da Costa Abreu

No meio do oceano Atlântico vivia um alegre peixinho chamado Leno. Ele adorava aproveitar as maravilhas do mar. Porém, certo dia, ele estava nadando quando de repente ele sentiu uma pancada na cabeça, ao olhar o que era, viu que se tratava de uma garrafa pet vazia.

Neste instante, ele se deu conta de como o oceano estava poluído. Eram muitas garrafas, copos de guaravita, plásticos em geral, até vidro tinha.

Leno, então, teve uma idéia reuniu todos os habitantes do mar para que juntos encontrassem uma solução para o lixo. Eles perceberam que no mar aqueles objetos não tinham serventia, mas eles podiam criar formas para que os homens reutilizassem esses materiais e não jogassem mais em rios, mares e oceanos.

E foi assim, que Leno e seus amigos transformaram garrafas e outras sucatas em objetos muito legais. A partir do momento que os homens aprenderam que podem criar muitas coisas de sucata, eles compreenderam que não deveriam mais jogar o lixo no mar, pois os peixinhos e outros animais que vivem ali podem acabar morrendo.

O GUARANI E A DENGUE

Luciana da Silva Veloso

Era uma vez um índio chamado Guarani.

Guarani era uma criança que gostava da floresta, dos animais, dos pássaros, das plantas, da água, da chuva, do sol, enfim, da natureza, do meio ambiente.

Certo dia, estava o Guarani tocando seu batuque numa bela manhã, quando foi ao rio beber água, viu que estava sujo - cheio de lixo. E não pôde beber aquela água.

Guarani sabia que alguns índios da aldeia estavam doentes, principalmente, com a doença da Dengue. O índio ficou muito triste ao ver o seu lindo rio sujo. Ficou preocupado, pois havia pneus, lata-velha, garrafas, etc. E pensou em alguma coisa para solucionar aquele problema.

No dia seguinte, vocês nem imaginam o que aconteceu. O índio Guarani pegou a Dengue, o mosquito *Aedes aegypti* tinha o picado. Guarani ficou muito doente, ficou com febre, dores no corpo, etc.

Depois de alguns dias, Guarani ficou bom. Não estava mais doente. Convocou vários índios para alertar a aldeia sobre o lixo e garrafas vazias que existiam ali, pois eram lugares em que o mosquito gostava de ficar. E por isso, todos estavam ficando doentes.

Todo mundo, começou a procurar garrafas, pneus, vasos de plantas, tudo que era moradia do mosquito. E prontamente, todos juntaram esses lixos e jogaram fora.

Guarani ficou muito feliz, porque todos estavam cooperando e ajudando para a limpeza da aldeia e do meio ambiente.

Outro dia, quando o índio foi beber a água do rio, imagine o que aconteceu?

A água estava limpinha, e, agora, ele podia beber aquela água.

QUE VOZ É ESSA?

Renata Kelly do E.Santos

Em um dia de sol, Rodolfo foi passear na praia.
Quando de repente, escutou um **canto**, uma voz tão bonita. Sabe de onde vem o som? Do mar.

O canto era assim:

Canto: Se eu fosse na terra pra reclamar
Quantos lixos têm no mar
As pessoas jogam, jogam sem perguntar
Se os lixos vão incomodar...

Que voz linda! Disse Rodolfo encantado com aquela música. Quem será que está cantando dentro do mar?

Então saiu das águas uma sereia, Rodolfo perguntou: Qual seu nome? E ela respondeu cantando: Lucimar.

Eles ficaram conversando, a sereia contou para Rodolfo que o mar estava **muito poluído**, tinha *tampinha de refrigerante, plástico, papelão* e muitos lixos. Rodolfo que é professor, disse a Lucimar quealaria com seus alunos sobre a poluição dos mares.

O sol foi embora, estava anoitecendo a lua e as estrelas apareciam no céu, Lucimar e Rodolfo, não perceberam a hora passar. Se despediram e marcaram um novo encontro para o dia seguinte, para conversarem mais sobre a poluição da natureza.

Alguns textos produzidos pelas crianças

A chuva

Era uma vez a chuva caindo do céu e trovejou muito alto.
A água molhou a planta e elas ficaram felizes dançando.
Aí acabou a chuva e elas ficaram tristes de repente choveu de novo e a nuvem apareceu e choveu mais.
As plantas se molharam e ficaram rebolando.
E foram felizes para sempre.

Autores: Ágata, Larissa, Paula, Sara, Luana, Carlos Henrique, Felipe, Maria

Eduarda, Lucas, Rebeca, João Mateus, Caroline, Mel, Ana Clara, Matheus, Bruna,

David, Jéssica, Natasha, Carlos Alexandre, Kethelim e Camile Vitória.

A água boa

Era uma vez uma nuvem que tinha água e chovia muito, depois veio o sol e todo mundo ficou alegre e os passarinhos voaram e cantaram e as flores cresceram e as grammas ficaram verdinhas e apareceu o arco-íris.
O mar ficou azul e os peixinhos dourados ficaram felizes.

Autores: Stephany, Wesley, Jonatan, Samira, João Vitor, Nathan, Gabriel, Andressa, Érick, Rodrigo e Vitória.